

AdUFRJ

1251 • 27 de outubro de 2022 • www.adufrj.org.br • TV ADUFRJ: youtube.com/adufrj

SEM MEDO DE SER FELIZ PROFESSORES FAZEM O 'L'

ALEXANDRE MEDEIROS, ANA BEATRIZ MAGNO
E ANDRÉ HIPPERTT / EDITORES

comunica@adufrj.org.br

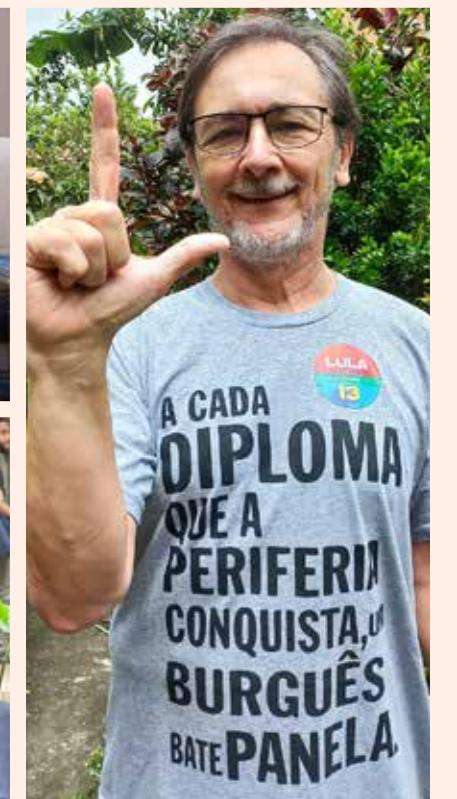
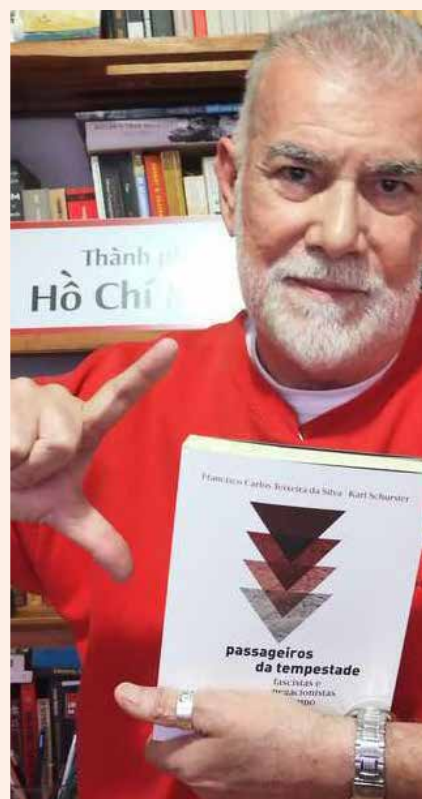
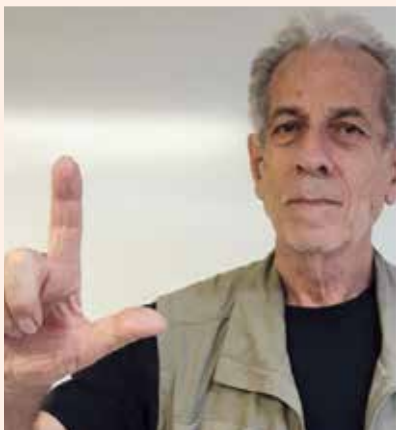
Fazer bom jornalismo não é apenas publicar notícias importantes, impactantes, que derrubam poderosos e desvelam podres poderes. Fazer bom jornalismo é desconstruir, mas também é construir. É contar histórias que ajudam a mudar a vida das pessoas e das instituições, é apostar no vigor da reportagem como forma potente de conhecimento. Foi com esse espírito que encaramos a edição do Jornal da AdUFRJ na campanha presidencial.

Nós três, cada um com um percurso diferente em redações, já cobrimos e editamos vários pleitos. Mas nenhum igual ao de 2022, com heróis e vilões tão explícitos e antagonismos tão profundos e decisivos. Em sintonia com a direção da AdUFRJ, compreendemos o desafio imposto, e a pequena, porém aguerrida equipe de repórteres, se desdobrou para mostrar aquilo que a grande imprensa demorou a compreender: que Lula é a única alternativa capaz de derrotar a barbárie bolsonarista.

Em quatro meses, publicamos 17 edições e 136 páginas sobre o desastroso impacto da gestão de Bolsonaro nas universidades. Tentamos mostrar que o trabalho jornalístico vai muito além da produção desenfreada de cards, e que a informação de qualidade rompe bolhas. Com dados, infográfias e entrevistas comparamos o que se passou nos campi nos tempos de Lula com o que vemos hoje. E, sob qualquer parâme-

tro ou recorte noticioso minimamente racional, não há uma única métrica que favoreça o atual governo.

E assim, em sintonia com os fatos, e de braços dados com professores, estudantes e técnicos que tanto nos ensinam sobre o cotidiano acadêmico, nos desdobramos para mostrar que o bom jornalismo tem lado e que o nosso lado é o de Lula. Desejamos aos leitores um domingo de serenidade democrática, de respeito aos fatos, e uma manhã de segunda-feira com a manchete que sonhamos desde 2018: “O pesadelo acabou”.



EDITORIAL



CAR@ COLEGA

DIRETORIA

A eleição que dividiu o Brasil unificou a UFRJ. Professores das mais diferentes áreas, idades e preferências políticas compreenderam a pequenez de suas divergências e, diante da gravidade da

cena política brasileira, declararam o voto em Lula. Fizeram mais do que declarar — se transformaram em militantes da democracia, colocaram camisetas e adesivos, e humildemente, foram para praças e ruas conversar com a população. Os estudantes e técnicos tiveram o mesmo compromisso e, numa espécie de cruzada civilizatória, fizeram passeatas, tremularam ban-

O CAMPO DA DISCÓRDIA

Na semana política mais importante da história recente do país, o Jornal da AdUFRJ foi surpreendido com severos e inverídicos ataques da direção da Escola da Educação Física e Desportos (EEFD). Em carta aberta divulgada em 24 de outubro, a diretoria da unidade, professora Kátia Gualter e professor Alexandre Palma, classificam como “fake news” uma nota produzida pelo

jornal e veiculada na edição 1.242, de 26 de agosto. O assunto era o projeto do novo centro multicultural da Praia Vermelha, apresentado pela reitoria no Conselho Universitário daquela semana. A última frase da nota de rodapé, inteiramente baseada em apuração realizada no Consuni, informa que o campo de futebol da Praia Vermelha, local destinado a receber o novo espaço cultural, “abriga

PROFESSORES, ATENÇÃO AO GOLPE DO WHATSAPP

Para checar qualquer informação sobre ganhos judiciais do sindicato, é necessário que os professores sempre entrem em contato com a AdUFRJ. No mais novo golpe da praça, criminosos estão se passando por advogados da entidade para tentar arrancar grandes quantias dos sindicalizados.

“Desconfie. Claro que o professor pode ter valores a receber de alguma ação, mas, para conferir, ligue para o número do sindicato”, afirma a assessora jurídica Ana Luisa Palmisciano. O celular oficial da AdUFRJ é (21) 99644-5471. O

número não possui aplicativos de mensagens. “Agende um horário no plantão jurídico. No plantão, sou eu olhando para a pessoa. Não é o falsário”.

O professor Kleber Fossati, presidente da Fundação Universitária José Bonifácio e aposentado do Instituto Coppead, escapou do golpe e relatou como foi o contato dos falsários.

No dia 20, recebeu um documento via Whatsapp. Teria direito a R\$ 154 mil para receber e os bandidos pediram que entrasse em contato com um número falso atribuído ao escritório que atende

dois projetos de extensão e é recorrentemente alugado pelo Botafogo”.

O jornal, em nenhum momento, afirma que a direção da EEFD auferiu lucros com o aluguel do espaço, nem mesmo cita quem seriam os responsáveis pelo eventual — e citado no colegiado superior da universidade — aluguel do campinho. Este veículo preza pela informação de qualidade e responsabilidade social. E reitera que não pratica veiculação de notícias falsas sem fundamento ou apuração prévia.

a AdUFRJ. Mas, para liberar o montante, seria preciso que o professor arcasse com as custas judiciais do processo. “No momento que enviasse o comprovante de pagamento, iriam liberar um alvará para eu receber a quantia na Caixa Econômica. Eu teria que depositar R\$ 4,8 mil”. Se o dinheiro não fosse depositado no dia, o professor iria “para o fim da fila”, o que poderia demorar mais dois ou três anos. “Aí eu desconfiei. Liguei para a AdUFRJ e informaram que era um golpe”. Kleber completou: “Impresso-nante como conseguem esses dados. Não sei como conseguiram meu telefone. Temos que tomar cuidado. Golpes estão vindo de todos os lados”, alerta.

ORIENTAÇÕES

Para quem caiu no golpe, a assessoria ju-

tema. Ali, com a participação de 425 professores, e mais de 70% dos votos, tomamos a decisão histórica de apoiar Lula, desde o primeiro turno. Tratou-se de apoio político dentro dos parâmetros legais, sem aparelhamento nem doações financeiras.

Em três meses, nos desdobramos, participamos de panfletagens, passeatas, reuniões, debates, tentamos virar votos com argumentos, afeto e respeito por quem pensa diferente de nós. Foi um processo rico, compartilhado com os alunos, com os técnicos, com os professores que votaram em nós, e também com os que não votaram. Aliás, vale ressaltar aqui a alegria que sentimos ao testemunhar o engajamento de nossos opositores, mesmo que no início tenham sido severos críticos de nossa defesa de Lula.

Nessa jornada, iluminada por nossas diferenças e enfeitada pelo adesivo em forma de coração que conquistou a comunidade acadêmica, aprendemos que fazer o L juntos é muito melhor do que fazer sozinho. E é com esse espírito que editamos este último **Jornal da AdUFRJ** da campanha presidencial. Em seis páginas, docentes com os mais diferentes Lattes e histórias testemunham porque escolheram Lula. Em comum, todos falam na defesa da Educação, da Ciência, da democracia e da inclusão social. “Na verdade, votar no 13 é muito mais do que votar no Lula: é votar num Brasil para todos”, resume o professor Antonio Solé, do Instituto de Biologia.

Na figura desses querid@s colegas, desejamos um 30 de outubro com a esperança de que a universidade volte a ser respeitada, a Ciência passe a ser valorizada e de que o amor vença o ódio.

DEPOIS

UFRJ QUER CONSTRUIR NOVO CENTRO MULTICULTURAL E PRAÇA

O terreno onde hoje está o decadente prédio do Canecão dará lugar a uma praça arborizada e aberta ao público. Os muros que cercam o campus da Praia Vermelha serão postos abaixo para abrir a universidade à cidade. Esses são os planos contidos no projeto apresentado pela reitoria nesta semana. A edificação, com 20 metros de altura, e a praça serão construídas numa área de 15 mil m² e utilizará uma parte do terreno onde existe o campo de futebol da Escola de Educação Física e Desportos. Conhecido como “campinho”, o local abriga dois projetos de extensão e é recorrentemente alugado pelo Botafogo.

rídica orienta o contato imediato com o banco para suspender a transferência ou solicitar a devolução dos valores. Não há garantia de devolução, mas, no mínimo, a conta dos falsários começa a ser monitorada pelo sistema bancário. Outra providência é denunciar o número dos golpistas no próprio Whatsapp.

Registre também um Boletim de Ocorrência, preferencialmente na Delegacia de Repressão aos Crimes de Informática (Av. Dom Hélder Câmara, 2066 - Maria da Graça - Cidade da Polícia). “A delegacia só aceita fazer o boletim quando a pessoa sofre golpe. Infelizmente, quando só recebe a mensagem, não aceitamos como um dano”, afirma Ana Luisa. Se necessário, a assessoria jurídica do sindicato pode destacar alguém para acompanhar o docente.

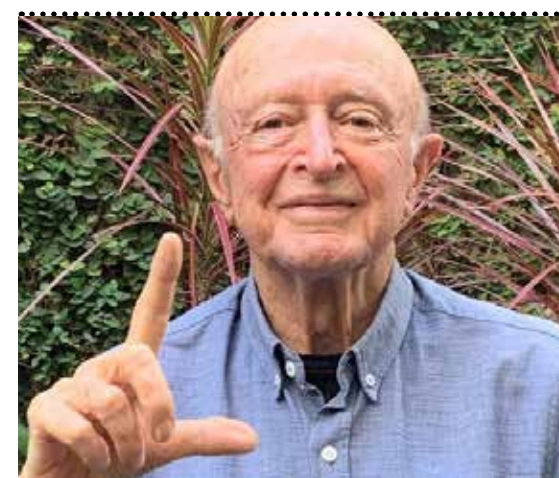
Depois que o governo Lula instituiu as cotas, começou a haver uma inclusão muito grande.

ELES SONHAM COM UMA UNIVERSIDADE INCLUSIVA



ANTONIO SOLÉ
Professor titular do Instituto de Biologia

“Na verdade, votar no 13 é muito mais do que votar no Lula: é votar num Brasil para todos. Estudei no Instituto de Biologia nos anos 1970 e sou de São João de Meriti. Naquela época, eu era o único aluno da Baixada na minha turma. Depois que o governo Lula instituiu as cotas, começou a haver uma inclusão muito grande. Quando me tornei diretor do instituto, de 2009 a 2013, o que eu vi nas formaturas foi a diversidade. A universidade passou a ter muita gente de todas as cores e classes sociais. Foi um grande avanço. Muitos de nós, professores, temos também nossas críticas ao Lula ou ao PT. Mas a alternativa é muito, mas muito pior. A alternativa é continuar os cortes nas bolsas dos estudantes mais pobres, é entregar o Brasil ao estrangeiro pelo não investimento em Ciência e Tecnologia, é destruir nossa natureza pela falta de fiscalização das queimadas ilegais, é abandonar os povos nativos nas mãos dos criminosos que os matam para roubar-lhes as terras. Votar 13 no domingo é votar contra a violência, contra a corrupção do orçamento secreto, contra a incompetência e desumanidade de um governo que não sabe cuidar de seu povo, como ficou claro durante a pandemia de covid-19”.



JOSÉ MURILO DE CARVALHO
Professor emérito do Instituto de História

“Em 1955, o general Lott derrubou um presidente golpista para garantir a posse do presidente eleito, JK. Em 1961, o presidente Jânio Quadros tentou um golpe, ninguém fez caso e ele renunciou. Mas hoje o risco é maior porque o país está dividido ao meio. Considerando nossa democracia como datando de 1945, esta é a eleição que traz o maior risco para a democracia. Lula é a opção que não traz risco à democracia”.



ADALBERTO VIEYRA
Professor Emérito do Instituto de Física Carlos Chagas Filho

“Vou votar em Lula por várias razões. A mais importante delas: pela prova de confiança que ele, nos idos de 2006, deu para a comunidade científica brasileira, encorajando-a a cuidar também da educação básica. A Capes da Educação Básica, iniciativa inédita, colocou a pós-graduação junto dos ensinos fundamental e médio. A pesquisa científica e tecnológica, uma das ferramentas de construção da soberania nacional, também sempre teve apoio nos governos petistas. Em 2012, o CT-Infra — hoje

praticamente suprimido por Bolsonaro —, garantiu à UFRJ a aquisição de um equipamento de ressonância magnética nuclear de 900 MHz, o único em funcionamento pleno no hemisfério sul. A máquina permitiu que a universidade se tornasse pioneira no estudo da estrutura do Sars-CoV-2. E não se trata só de olhar para os investimentos daquele período, mas sobretudo pela política de diálogo permanente com o meio acadêmico. Vislumbro no dia 30 uma escolha entre a democracia e a barbárie”.



LUIZ DAVIDOVICH
Professor titular do Instituto de Física

“Voto em Lula, pois ele é a solução para sérios problemas que afligem nosso país: ameaças à democracia, desmatamento, redução do salário mínimo, aumento da desigualdade social, redução drástica do orçamento para a saúde, para a CT&I e para a educação. Lula tem consciência social e é um democrata: ouve as pessoas e discute. E é importante que na democracia as pessoas possam discutir sem medo. Precisamos dele para reconstruir o Brasil. Os governos Lula foram períodos de apoio e incentivo à ciência. Em 2010, fui secretário-geral da 4ª Conferência Nacional de Ciência e Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Sustentável. Participaram milhares de pessoas da sociedade civil, representantes do governo e o próprio presidente Lula, empresários, acadêmicos, sindicalistas e movimentos sociais. Foram seis meses intensos de trabalho. O produto da conferência foi o Livro Azul, com propostas para a ciência e tecnologia que não avançaram no governo atual. A agenda do outro candidato é baseada em denúncias não comprovadas, em destruir tudo que construímos nesse país, em uma política econômica que resulta no aumento da desigualdade social e inviabiliza um futuro sustentável para o país. Precisamos do Lula para corrigir essa grande destruição”.

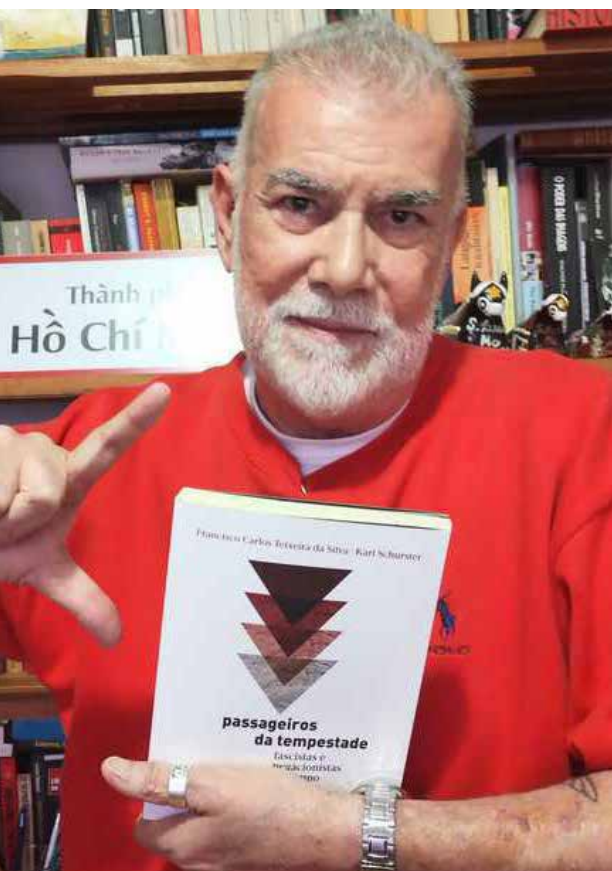


CARLOS FICO
Professor titular de História do Brasil

“Voto em Lula com a expectativa de que ele realize um governo que dê efetividade à ampla frente democrática que congregou na campanha, única maneira de minimizar os danos causados pelo governo Bolsonaro e de fazer frente à maioria conservadora que dominará o Congresso Nacional a partir de fevereiro de 2023. A volta do petista também indica que ele poderá colocar à frente do Arquivo Nacional pessoal qualificado para cuidar da gestão de documentos históricos, incluindo os ligados à ditadura militar, como fez nos governos anteriores. O governo Bolsonaro colocou gente completamente alheia ao meio”.

É fundamental dar um basta a esse governo para que possamos retomar o caminho do desenvolvimento, com inclusão social.

ELES QUEREM EDUCAÇÃO GRATUITA E DE QUALIDADE



FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA SILVA
Professor titular de História Moderna e Contemporânea

"Mesmo durante a ditadura civil-militar (1964-1985), busquei dirigir meu voto para a supressão das profundas desigualdades sociais existentes, traço marcante da formação histórica do Brasil. Maria Yedda Linhares (1921-2011), professora emérita e combatente de primeira linha pelos direitos cívicos, sempre destacou a desigualdade, nas suas expressões de classe, etnia e gênero, como o elemento dominante da história do Brasil. Lutar contra as desigualdades, desde os primeiros dias da graduação — quando fui eleito o primeiro diretor do CA de História após o AI-5, em 1974 —, e estudar e expor enquanto historiador as razões e razões de tais desigualdades, tornou-se, para mim, uma dupla militância, pela cidadania e pela História. Entendemos, nas nossas longas conversas com Maria Yedda Linhares, Darcy Ribeiro (1922-1997) e Paulo Freire (1921-1997) que a mudança mais profunda, aquela capaz de subverter as bases das desigualdades no país, reside na Educação. Seguimos af os ensinamentos do mestre de todos nós. Anísio Teixeira (1900-1971), o fundador da UDF, idealizador da Escola-Parque, matriz dos CIEPs, para quem a Educação seria emancipadora ou não seria Educação. É neste sentido que nosso voto, desde o primeiro, em 1974, dado a Lysâneas Maciel, voz da resistência, até esse 2022, se pauta pela necessária 'Revolução Educacional'. Hoje vemos em Lula da Silva a barreira e trincheira da luta antifascista, e o único líder capaz de erguer a bandeira da Educação laica, gratuita e de qualidade. Nesses tempos de ameaça fascista, é Anísio Teixeira que se ergue como nosso norte e trilha: todos pela Educação, pela Ciência e pela Cidadania!"



PEDRO LAGERBLAD
Professor titular do Instituto de Bioquímica Médica

"Sendo professor da área de Saúde, trabalhando com Ciência fundamental, Saúde e Educação, posso dizer que nessas três áreas nunca assistimos a um descaso tão grande aos interesses da população e em relação ao funcionamento do Serviço Público. Vai desde o subfinanciamento até a existência de direções absolutamente equivocadas, como foram os editais feitos pelo CNPq nesse período, que representam recuos muito grandes do ponto de vista científico. E nada se compara à condução do governo na pandemia. Um governo que hoje diz que apoiou a vacina, mas na verdade

de veio a público várias vezes questionando-a sem qualquer amparo técnico. O que se viu foi um governo trabalhando para frear o processo de cuidado com a população. Foi uma política deliberada de descaso. E é uma lista de erros e omissões sem fim. A área de controle de vetores ficou abandonada nesse período. A vacinação para doenças como a pólio caiu a níveis que hoje nos colocam sob risco iminente do retorno de doenças que já estavam extintas. Fora os cortes recorrentes e progressivos de recursos para Ciência e Educação. Por tudo isso, e por outros muitos motivos, voto 13".



JOSÉ ROBERTO LAPA E SILVA
Professor titular da Faculdade de Medicina

"A poucos dias do segundo turno da eleição mais importante de nossas vidas, quero declarar meu voto no ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Nunca tivemos um governo tão desastroso, tão catastrófico nas áreas de nossa atuação principal: a Saúde, a Educação e a pesquisa científica. É fundamental dar um basta a esse governo para que possamos retomar o caminho do desenvolvimento, com inclusão social. Tenho 45 anos de UFRJ, ingressei em 1º de agosto de 1977, em pleno regime militar, e nem na ditadura nós tivemos uma vida com tanta coisa sendo negada àqueles que mais precisam. Ninguém viveu uma situação tão desastrosa como durante a pandemia de covid-19, em que a cada dia éramos bombardeados pelas mentiras e pelo negacionismo do presidente e de seus acólitos. Chegou a hora de dar o troco, de botar esse governo genocida para fora, e eu me associo aos milhões de brasileiros que vão marcar 13 no dia 30 de outubro".



MARCO LUCCHESI
Professor titular da Faculdade de Letras e ex-presidente da ABL

"Voto Lula para a reconquista de um país, para uma agenda de paz e justiça social. Porque precisamos reconstruir o tecido republicano, políticas de inclusão, salvar as unidades e o papel central da Ciência e da Cultura".



IVANA BENTES
Professora titular da Escola de Comunicação

"Eu voto em Luiz Inácio Lula da Silva pensando em uma reconstrução do país, para sairmos dessa nuvem tóxica que está produzindo desagregação social, discursos de ódio e um profundo adoecimento como sociedade. Voto em Lula tendo como referência o que foi feito nos seus governos: período de desenvolvimento social, econômico, cultural, um momento de imaginação política, de busca de reparação com as cotas raciais nas universidades, investimento na Educação, política para as mulheres e grupos minorizados. Para a comunidade acadêmica, esse voto significa recolocar a Educação no centro de um projeto de país e de justiça social, recompor os investimentos em pesquisa, ensino e extensão e permitir que mais brasileiros acessem as universidades e transformem suas vidas".

O Lula vai dar a devida importância à Ciência, que foi muito subjugada nesse último governo.

ELES DEFENDEM A CIÊNCIA E O CONHECIMENTO



NELSON MACULAN
Professor emérito da Coppe e ex-reitor da UFRJ (1990-1994)

"Eu voto no Lula porque, no que se refere à Educação Superior, Saúde, Cultura e Meio Ambiente, foi um dos poucos presidentes que atuou para a expansão dessas áreas. Eu tive a felicidade de trabalhar com Lula e asseguro que ele é um excelente gestor! Sempre cobrava da gente, de todas as áreas, os resultados daquilo que a gente aprovava. No começo do governo, ele nunca havia entrado numa universidade. Conseguimos negociar e eu o levei até a Universidade de Brasília. Foi um momento muito bonito. Naquele dia, ele viveu a beleza da universidade pública, saiu de lá encantado, emocionado. Esse sentimento o moveu e o move. Lula já mostrou seu trabalho antes. É preciso reconstruir todas essas áreas".



LIGIA BAHIA
Professora associada do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva

"Estamos diante de uma encruzilhada: de um lado caímos em um abismo e de outro a gente continua podendo caminhar. Eu sou professora de uma universidade federal, da área da saúde. Essa dupla condição torna quase natural que eu apoie o Lula, porque nós passamos por essa pandemia com uma gestão de estratégias de enfrentamento que não poderia ter sido pior. Além disso, ainda temos esse conjunto de cortes nas áreas de Educação, Ciência e Tecnologia. Então meu voto no Lula é natural. Eu espero que a gente garanta a democracia e a possibilidade de debater e construir alternativas para o país. Precisamos de um governo democrático inclusive para que Bolsonaro e sua equipe paguem pelos seus crimes e respondam pela morte das mais de 600 mil pessoas".



ROBERTO LEHER
Professor titular da Faculdade de Educação e ex-reitor da UFRJ (2015-2019)

"Voto em Lula em defesa da humanidade frente à barbárie do avanço fascista no mundo; voto em Lula em defesa da igualdade social e dos direitos fundamentais de todos os que possuem um rosto humano, entre os quais sobressaem o trabalho digno e criador, a educação pública, o SUS e a erradicação, como páginas vergonhosas de nossa história, da fome, do racismo, do extermínio dos povos originários, da mercantilização dos biomas e da misoginia; voto em Lula, feliz e esperançoso de que — com a Educação, a Cultura, a Arte, a Ciência e a Tecnologia voltada para vida — forjaremos um novo ponto de partida civilizatório em nosso

país. A violenta guerra cultural destroça nossas universidades públicas, corrói as instituições necessárias ao bem-viver e nos aprisiona em um mundo em que verdade e mentira já não podem ser distinguidas, prevalecendo a brutalidade e a violência. Votar em Lula é, por conseguinte, um ato político em prol da democracia e da existência de uma nação em que o público possa prevalecer frente aos privilégios. Juntos, reconstruiremos a nação. Precisamos estar preparados e organizados para desfascitar o país e, para isso, um vasto movimento pedagógico será necessário. A UFRJ é uma instituição comprometida com esse futuro luminoso!"



ILDEU MOREIRA
Professor associado do Instituto de Física e presidente de honra da SBPC

"A eleição do Lula é sobre a possibilidade de ter um projeto de país diferente do que aí está. Um projeto mais avançado politicamente, mais atuante no que se refere à preservação do meio ambiente, mais preocupado e atento com a Educação e com a Cultura. A eleição do Lula nos abre caminhos para debater a política de Ciência e Tecnologia, nos possibilita construir um país com todas as potencialidades de uma nação desenvolvida. Por isso eu voto no Lula!"



CAROL PRONER
Professora adjunta da Faculdade Nacional de Direito

"Estamos no início de um processo de revisão histórica para, entre outras coisas, voltar a pensar na construção de um futuro democrático. Desafio qualquer pessoa a escolher uma das áreas em matéria de direito que tenha sido favorecida desde 2016. Tivemos maior concentração de riquezas nas mãos de poucas pessoas, mais desemprego e informalidade, mais retrocesso em todas as áreas e a educação foi uma delas. O ataque às mulheres é mais uma caracterização desse personagem que personifica o patriarcalismo. Bolsonaro evoca a violência de modo geral contra mulher e a imposição do papel submisso da sociedade como um todo ao dinheiro, ao homem, branco e violento. E aí toda violência que é explícita passa a ser legitimada pelo chefe da nação, ao chefe da casa, ao marido, ao chefe da igreja, ao chefe da empresa. A sociedade brasileira viveu traumas importantes nos últimos anos e, se ainda tivermos fôlego, além de superar os principais males de violência e pautas extremamente regressivas de direito, precisamos construir dentro da universidade processos de preservação da memória do que vivemos recentemente. Uma espécie de justiça de transição dos últimos quatro anos para tentar superar a dimensão de mentira que toma conta da expressiva popularidade do candidato que eventualmente vai perder a eleição".

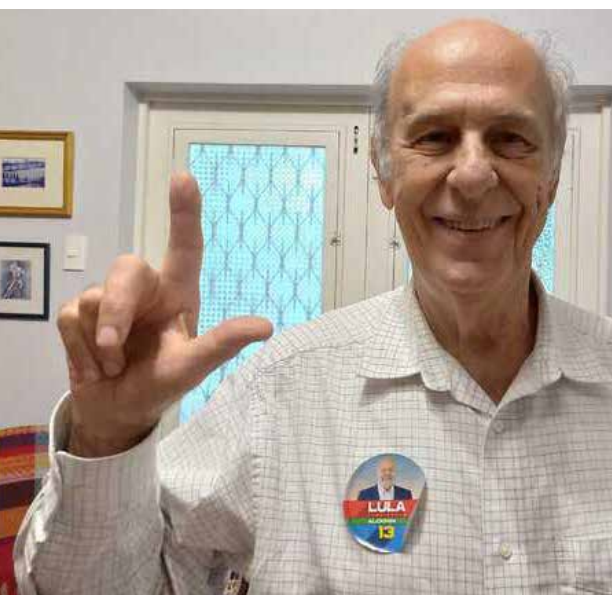


AMILCAR TANURI
Professor titular do Instituto de Biologia

"Eu vou votar no Lula para preservação da democracia, da ciência, e da universidade pública e gratuita. Eu vejo nele um candidato que vai dar prioridade aos alunos carentes, de cota, a permanecerem na universidade, que vai continuar sendo de excelência. O Lula vai dar a devida importância à ciência, que foi muito subjugada nesse último governo, e aos outros temas de importância nacional. Ele vai utilizar os conhecimentos do ensino superior para o bem do país. Na vertente da universidade pública e gratuita, o meu medo é que ela seja sucateada caso o Lula não ganhe. A questão das cotas ainda não foi bem aceita, e isso pode gerar um movimento de esvaziamento da universidade. A gente está no limiar. Se dermos um passinho para o lado, a gente cai em um abismo. Por isso, meu voto é com Lula, pela democracia".

Votar em Lula significa barrar Bolsonaro, portanto o fascismo e o autoritarismo

ELES VOTAM PELA DEFESA DO ESTADO DEMOCRÁTICO



LUIZ BEVILACQUA
Professor emérito da Coppe

“O meu voto neste segundo turno, assim como no primeiro, é inevitável a quem tem consideração por este país: Luiz Inácio Lula da Silva. Nós estamos, hoje, numa situação que eu, nos últimos 50 anos, jamais vivi. Eu acompanho isso desde os anos 1960. A área de Engenharia não tinha nenhuma contribuição ao conhecimento universal. E hoje nós somos uma das nações que está entre os 10 primeiros países do mundo em contribuição científica. Isso não pode ser destruído. O período do presidente Lula, nos seus dois mandatos, foi uma época em que houve uma extraordinária expansão do sistema universitário brasileiro. Eu mesmo tive a oportunidade de cooperar nessa expansão com a implantação da Universidade Federal do ABC, quando o ministro da Educação era o Haddad. Havia uma grande liberdade de se estabelecer novos projetos, que foram mais adequados ao nosso mundo moderno. E o presidente Lula sempre estava presente nessas iniciativas. É um homem que dá um grande valor ao conhecimento, e que privilegia a cultura e o saber. É uma esperança que nós não podemos abandonar. Não podemos deixar de votar no presidente Lula porque ele é a única salvação. É a retirada da trajetória para o abismo”.



LEDA CASTILHO
Professora titular da Coppe

“Eu voto em Lula por um contraste muito claro entre o ex-presidente que investiu cada vez mais em educação, ciência e tecnologia, e o atual presidente que investe cada vez menos nessas áreas. Nos governos Lula houve aumento significativo de investimentos nas universidades, que permitiu um aumento de vagas, a criação de novos campi, assim como a ampliação do acesso de estudantes oriundos da rede pública ao ensino superior. No campo da ciência, o bom financiamento contribuiu para que as universidades brasileiras, que são responsáveis por 95%

da pesquisa científica feita no país, criassem laboratórios de ponta e passassem a contribuir de forma significativa para a produção científica mundial. Além disso, a atuação do atual governo durante a pandemia foi lamentável e condenável. O Brasil tem apenas 3% da população mundial, mas teve 11% das mortes de covid-19 no mundo, o que demonstra que o Brasil errou na pandemia. O papel da vacina foi desacreditado e combatido pelo atual presidente, e isso tem impacto ruim até para outras doenças, que estão com cobertura vacinal baixa”.



MARIA LÚCIA WERNECK
Professora associada do Instituto de Economia

“Votar em Lula significa barrar Bolsonaro, portanto o fascismo e o autoritarismo. É defender o estado democrático de direito e suas instituições. Nos oito anos de Lula, o governo providenciou medidas extremamente importantes para o desenvolvimento econômico e social do país com distribuição de renda. Lula apostou na industrialização, na criação de empregos e na melhoria das condições de vida da população nas áreas de saúde, educação e renda. Isso tudo com respeito às regras democráticas e valorização da estrutura partidária das organizações da sociedade civil. Além disso, voto em Lula em defesa da UFRJ e das outras instituições públicas de ensino superior. Eu vivi na universidade o período da aprovação do Reuni e da política de cotas, vi como isso ampliou o acesso ao ensino superior. Eu fazia parte do Conselho Universitário e participei ativamente das discussões. Abriu-se um curso noturno no Instituto de Economia, coisa que não existia. Isso foi extremamente democratizante, porque pessoas que trabalhavam durante o dia passaram a poder estudar num curso superior de excelência, até então visto como de elite”.



GODOFREDO DE OLIVEIRA NETO
Professor titular de Literatura Brasileira

“Eu voto em Lula pela manutenção e expansão da qualidade das universidades públicas, a valorização que eu já conheço da ciência e da cultura e o estímulo à tolerância. Meu voto é pela continuidade da política de cotas e pela manutenção das instituições democráticas, duramente conquistadas pela nação brasileira depois da ditadura militar. Bolsonaro despreza a cultura, trata como se fosse um capricho, uma bobagem. Com Lula, minha esperança é a promessa de recriação do Ministério da Cultura e a valorização da Funarte”.

SAMUEL ARAÚJO
Professor titular da Escola de Música

“Eu declaro abertamente meu voto em Lula porque ele representou uma grande guinada no país em termos de valorização da pluralidade da cultura brasileira. Ele desenvolveu logros durante seus governos que prosseguiram na gestão Dilma; antes, a cultura brasileira não era reconhecida pelo Estado. Gostaria de destacar que as políticas dos governos do PT, incluindo as culturais, valorizaram segmentos da população produtoras de cultura que são de fato a grande marca de qualquer coisa que possa ser considerada cultura brasileira: as populações afro, indígenas, e outros âmbitos de populações marginalizadas, das favelas brasileiras, do Rio em particular. Isso se dá pelo reconhecimento dos signos culturais criados a partir das experiências dessas populações, aliado aos mecanismos de redistribuição de renda e de participação política, resultando em maior igualdade política e econômica. Logo, pela primeira vez, as populações que seriam incluídas nas políticas públicas puderam expressar seus desejos em relação a essas políticas, e não foram tratadas apenas como seus repositórios. Passou a ser uma política de mão dupla, e não de mão única. Por isso, declaro meu voto em Lula em 2022”.



Da ‘guerra’ nas redes ao Congresso conservador

> Professores debatem temas nevrálgicos desta campanha eleitoral em ciclo organizado pelo Laboratório de Eleições, Partidos e Política Comparada na Universidade Rural do Rio de Janeiro

LUCAS ABREU
lucas@adufrrj.org.br

Guerra nas redes sociais, conservadorismo entre as mulheres mais pobres, gestão do Congresso conservador e o discurso anti-PT. Especialistas debateram um pouco de cada tema no evento “Eleições de 2022: balanços e perspectivas sobre uma democracia ameaçada”, ciclo de debates organizado pelo Laboratório de Eleições, Partidos e Política Comparada (LAPPCOM), no dia 27.

“Nosso objetivo aqui é debater e levarmos muitos argumentos para os três dias que temos para decidir a eleição”, disse a vice-presidente da AdUFRJ e coordenadora do LAPPCOM, professora Mayra Goulart. A atividade ocorreu na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

A professora Moema Guedes (UFRRJ) destacou que o conservadorismo entre as mulheres é maior do que pode parecer ao senso comum. A conclusão da docente é resultado da aplicação de questionários sobre temas de igualdade de gênero. Ela ressaltou a importância de estabelecer o diálogo com esse conservadorismo, entendendo suas demandas. “A extrema direita soube dialogar com o conservadorismo de mulheres mais pobres e de classe média. É preciso entender, sem diminuir as pautas feministas”, observou.

O professor Theófilo Rodrigues (Uerj) questionou a estratégia adotada pelo deputado federal André Janones (Avante-MG) nas redes sociais para a campanha de Lula e o embate com o bolsonarismo. “O que será da esfera pública brasileira



se o debate público for, daqui para frente, como está sendo nesse segundo turno?”

Theófilo também chamou atenção para a crise do chamado presidencialismo de coalizão, com orçamento secreto. “Como Lula, se eleito, vai lidar com o Congresso nesse novo presidencialismo de coalizão?”, indagou.

Já o professor Darlan Ferreira Montenegro (UFRRJ) tratou da transformação do debate nacional a partir da Lava Jato. “Construiu-se um discurso, a partir da Lava Jato, que criou uma hegemonia da direita no Brasil”, explicou o professor Darlan. Isso e o desgaste do PT depois de quatro eleições consecutivas. Mesmo assim, Lula seria eleito em 2018, se não tivesse sido preso”.



Nosso objetivo aqui é debater e levarmos muitos argumentos para os três dias que temos para decidir a eleição

MAYRA GOULART
Coordenadora do LAPPCOM

DISCURSO PUNITIVISTA

Até 2014, os grandes temas das eleições eram economia e administração pública. “Em 2014, começa a Lava Jato, e ela transforma o debate nacional. E a força do PT só foi desconstruída com esse discurso punitivista contra a corrupção”, aprofundou. “O discurso da criminalização do PT não é o único da direita. A extrema-direita faz tudo para qualquer coisa estar no centro do debate, e não a economia”, apontou o professor.

A extrema-direita, segundo Darlan, adota a estratégia de manter a discussão onde ela é hegemônica. “O eixo do fascismo no Brasil desde a redemocratização está na segurança pública. É o vetor do fascismo. A questão

central dele é que bandido e pobre têm que ser tratados na porrada. E eles transplantaram esse debate para a esfera nacional, pregando no Lula a imagem de bandido”. Bolsonaro, explica o professor, é um excelente vetor para esse discurso violento punitivista.

“O Congresso é ruim para o Lula, mas não existe Congresso de oposição no Brasil. A resistência à direita bolsonarista vai manter um núcleo ideológico barulhento”, avaliou o professor Darlan. Mas alertou que, com Bolsonaro na presidência, a composição no novo parlamento pode ser catastrófica.

Após o fechamento desta matéria, mais duas mesas completariam o ciclo de debates na Rural.

NOTAS

ASSEMBLEIA APROVA NOVA CAMPANHA DE FILIAÇÃO

Reunidos em assembleia na sexta-feira (21), os professores da UFRJ referendaram a proposta da diretoria da AdUFRJ para dar início a uma nova campanha de filiação ao sindicato. Entre outros mecanismos de adesão, a proposta prevê um período de dois anos de carência, sem pagamento de mensalidade, para novos filiados que estejam enquadrados até o nível de professor adjunto.

A professora Mayra Goulart, vice-presidente da AdUFRJ, observou que há atualmente 4.242 docentes na UFRJ, sendo cerca de 1.300 não filiados, que estão desprotegidos sob vários aspectos:

“Teremos um Congresso muito conservador, que vê na universidade pública um inimigo preferencial. Vamos precisar estar juntos e sindicalizados”.

Pela proposta, após os dois anos iniciais de carência, o novo filiado contribuiria com um percentual de 0,4% dos vencimentos a partir do terceiro e até o quarto ano de filiação. Ao final do quarto ano, ele passaria a colaborar com a contribuição cheia de 0,8%.

O professor Gustavo Costa de Souza, do Ippur, sugeriu um adendo à proposta. Recém-ingresso na UFRJ, ele ponderou que os professores novos e que se filiaram

recentemente também poderiam ter direito à carência nas mensalidades. Em nome da diretoria, o presidente da AdUFRJ, professor João Torres, informou que a proposta incorporaria a sugestão do professor Gustavo.

A assembleia definiu os nomes da delegação da AdUFRJ ao 14º Conad Extraordinário do Andes, nos dias 12 e 13 de novembro, em Brasília. A delegada será a professora Mayra Goulart e os observadores/suplentes serão: Eleonora Ziller, Ana Lucia Fernandes, Marinalva Oliveira, Cleusa dos Santos, Luís Acosta e Janete Luzia Leite.

CONSUNI INICIA PROCESSO DE ELEIÇÃO DA REITORIA

O Conselho Universitário do dia 27 deu início ao processo de escolha da reitoria, no próximo ano. Os conselheiros aprovaram a resolução que define a constituição e objetivos da Comissão Coordenadora da Pesquisa junto ao corpo social para os cargos de reitor e vice-reitor.

Serão 11 representantes titulares dos colegiados superiores — sendo quatro do Consuni, dois do CEG, dois do CEPG, dois do Conselho de Extensão e um do Conselho de Curadores — além de nove nomes de cada segmento (professores,

técnicos e estudantes). O Consuni já indicou seus representantes na comissão: os professores Eduardo Mach (titular), Clynton Lourenço (suplente), Carlos Riehl (titular) e Leonardo Cinelli (suplente); as estudantes Natália Trindade (titular) e Júlia Vilhena (suplente); e as técnicas Gilda Sousa (titular) e Ana Célia (suplente).

HOMENAGEM A PINGUELLI

Em mais uma homenagem ao ex-presidente da AdUFRJ e ex-diretor da Coppe, o Consuni do dia 27 aprovou que o Parque Tecnológico da UFRJ passe a se chamar Luiz Pingueulli Rosa. Não haverá mudança na logomarca. Pingueulli faleceu em março deste ano.

Carta de Eméritos defende a Educação e a democracia

> Documento foi lido no Consuni pelo professor Ricardo Medronho e destaca a asfixia orçamentária das universidades federais durante o governo Bolsonaro. Nota é assinada por cinquenta docentes

Nós, Professores Eméritos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, vimos a público manifestar nossa total indignação frente aos desmandos do atual governo, claramente empenhado em asfixiar as universidades federais e em desmontar o Sistema Nacional de Ciência e Tecnologia, duramente construído e continuamente aperfeiçoado desde 1951, quando da criação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq.

O governo atinge este objetivo ao retirar verbas das universidades federais, comprometendo seriamente seu funcionamento. Da mesma forma age em relação à CAPES, ao CNPq e ao FNDCT, reduzindo drasticamente os auxílios à pesquisa e a concessão de bolsas para pós-graduandos, fragilizando a educação superior e a ciência como um todo. Como consequência disto, vemos nossos mais brilhantes jovens pesquisadores emigrarem para países mais ricos, a fim de avançar com suas pesquisas, uma vez que isso se tornou impossível no Brasil, resultado desse monstruoso corte de verbas.

As universidades públicas são responsáveis por mais de 95% da pesquisa produzida no país. Assim, deixá-las à mingua, sem recursos que garantam seu pleno funcionamento e sem verbas para bolsas de pós-graduação e pesquisa, torna evidente o projeto de nação engendrado pelo atual governo para o País, ao qual caberia apenas a exportação de *commodities*, tais como petróleo bruto, minério de ferro e soja.

Como defensores inconteste da ciência, da educação, da saúde pública e do Estado Democrático de Direito, posicionamo-nos fortemente contra o negacionismo que causou a morte evitável de centenas de milhares de pessoas durante a pandemia; contra o totalitarismo, que ataca os meios de comunicação e espalha o ódio e o terror na sociedade, com o uso contínuo e recorrente de *fake news*; contra o armamento da população, que serve apenas para munir as milícias com armamentos comprados legalmente; contra o desenfreado desmatamento da Amazônia, que altera as condições climáticas do planeta; contra a invasão de terras indígenas; contra o garimpo ilegal, que provoca destruição do meio ambiente; contra o desmonte da FUNAI e do IBAMA; contra os falsos profetas que manipulam os mais pobres, incutindo-lhes o medo e o ódio; e, finalmente, contra o projeto de um governo que nos colocou de volta no mapa da fome da ONU.

Em 25 de outubro de 2022

Adelaide Maria de Souza Antunes
Adalberto Ramon Vieyra
Ana Ivenicki
Andrea Viana Daher
Anita Dolly Panek
Antonio Carlos Secchin
Antonio Flavio Barbosa Moreira
Antonio Giannella-Neto
Arthur Octavio de Avila Kós
Beatriz Becker
Carlos Aguiar de Medeiros
Celina Moreira de Mello
Clarisa Beatriz Palatnik de Sousa
Claudio Costa Neto
Consuelo da Luz Lins
Dinah Maria Isensee Calou
Erasmu Madureira Ferreira
Dani Gamerman
Francisco Radler de Aquino Neto
Gilberto Barbosa Domont
Jorge Almeida Guimarães
Helio dos Santos Migon
Jayme Luiz Szwarcfiter
Jose Angelo de Souza Pappi
José Egídio Paulo de Oliveira

José Luís da Costa Fiori
Jose Mauro Peralta
Liu Hsu
Luiz Bevilacqua
Luiz Davidovich
Luiz Felipe Alvahydo de Ulhoa Canto
Manuel Antônio de Castro
Márcio Tavares d'Amaral
Maria Antonieta Rubio Tyrrell
Marieta de Moraes Ferreira
Martin Schmal
Muniz Sodre Cabral
Nei Pereira Junior
Nelson Maculan Filho
Nelson de Souza e Silva
Nelson Spector
Nicim Zagury
Nubia Verçosa Figueiredo
Olaf Malm
Otávio Guilherme Cardoso Alves Velho
Raquel Paiva de Araújo Soares
Ricardo de Andrade Medronho
Roberto Lent
Takeshi Kodama
Vivian Mary Barral Dodd Rumjanek



AduFRJ FAZ O L

SILVANA SÁ
silvana@adufRJ.org.br

A AduFRJ fez o L desde julho deste ano e intensificou suas ações políticas pela candidatura do presidente Lula na medida em que avançava a campanha eleitoral. Na mesma urgência de quem tem tudo a perder e com a alegria de quem acredita que verá a manhã renascer e esbanjar poesia, os professores da UFRJ fortaleceram a atuação em defesa da democracia e pelo único candidato capaz de derrotar Bolsonaro nas urnas. A certeza de que a universidade não sobreviverá a um segundo governo autocrático guiou a diretoria em todas as ações desenvolvidas, especialmente nos últimos três meses.

Uma das primeiras tarefas foi ajudar a construir o Comitê de Luta UFRJ, que iniciou formalmente suas atividades em 6 de julho. A AduFRJ também estava presente no primeiro grande comício de Lula, na Cinelândia.

No âmbito sindical, a associação defendeu, no Conselho do Andes, a necessidade de os professores universitários de todo o Brasil apoiarem Lula contra Bolsonaro. Não aconteceu no primeiro turno, mas, alvissaras, se tornou realidade a declaração do Sindicato Nacional a favor de Lula para o segundo turno das eleições.

As ruas viraram palco de inúmeras ações. O saber universitário foi levado para a praça. Madureira, Praça XV e Quinta da Boa Vista foram lugares escolhidos para fazer a universidade pública ser vista fora de seus muros. Salas de aula e laboratórios de pesquisa e extensão

foram criados a céu aberto. Tudo para dizer: "Bolsonaro quer destruir toda essa riqueza".

O sindicato não parou nas demonstrações do quanto a Educação e a pesquisa são importantes para a sociedade. Manifestações junto com os estudantes e técnicos da UFRJ foram fundamentais para denunciar os cortes na área.

Os últimos dias exigiram mais. Panfletagens, adesivos, carreatas, passeatas. A AduFRJ, em sua diretoria e seu corpo de funcionários, foi incansável. "Mais do que virar votos, nós também atuamos como formadores de opinião, dando argumentos para que quem já vota no Lula consiga convencer outras pessoas a também votarem", acredita a professora Mayra Goulart, cientista política e vice-presidente do sindicato.

Nesta última edição antes da eleição mais importante de nossas vidas, encerramos com a fala da moradora de Madureira Elaine Santos. "Eu vivi os melhores anos da minha vida nos governos Lula. Realizei sonhos. Meus três filhos se formaram na UFRJ e agora luto pelos meus netos, para que eles possam ter políticas públicas que os levem também à universidade". Vamos juntos, Elaine. Bom voto para todos nós!

